

MELLO, Marcelo Moura. ***Reminiscências dos quilombos: Territórios da memória em uma comunidade negra rural.***

São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2012. 267 pp.

Flávia Carolina da Costa

Doutoranda do PPGAS-UFSCar

“Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. É assim que Walter Benjamin vai aos poucos analisando *Em busca do tempo perdido*, obra de Marcel Proust – o trabalho da reminiscência é que vai dizendo da qualidade da textura. E essa talvez seja também a moldura de melhor encaixe para o livro de Marcelo Moura Mello. No trajeto das memórias dos moradores de Cambará, uma comunidade negra rural, localizada na região central do Rio Grande do Sul, o autor vai cuidadosamente descrevendo o processo de reconhecimento da comunidade como remanescente quilombola.

Apesar de todos os amparos legais sugeridos pelo Artigo 68 – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) – da Constituição Federal, desde 1988, e de todas as políticas públicas para promoção da igualdade racial vivenciadas desde 2003 (com o início do Governo Lula), o reconhecimento de Cambará como comunidade remanescente de quilombo não dependia exclusivamente de questões jurídicas. Tratava-se antes de um longo processo de reconstrução de uma identidade étnica, baseada na recuperação de uma memória iniciada no ‘tempo da escravidão’ e atualizada na constituição das famílias que no presente integram a comunidade, nos usos do território rural para sobrevivência, no parentesco e em uma economia baseada na troca.

Circunscrita pelos municípios de Cachoeira do Sul e Caçapava do Sul (RS), a comunidade, originalmente, é constituída por quarenta famílias distribuídas em quatro núcleos familiares (Irapuá, Cambará, Rincão e Pinheiro). Contudo, durante o processo de reconhecimento e titulação, foram

agregados ao território os núcleos de Palmas e Roseira, vizinhos aos núcleos originais e interligados a eles por meio de relações de parentesco. Essa inclusão fez fortalecer os laços na luta por direitos, apesar de a área reivindicada corresponder apenas aos limites de Cambará.

Tomando, por um lado, a *memória* como uma forma de conectar diversos tempos e recursos para criação de um sentimento de pertencimento do grupo e, por outro lado, a *narrativa* como um 'ato de contar' por meio do qual se articulam as 'formas de lembrar' – desdobradas em verbalizações, músicas, cantos, imagens visuais, práticas corporais, performances, rituais, etc. – com os efeitos que essas produzem em quem as ouve, o livro se dedica à observação e análise das relações entre escrita e oralidade, perpassadas pelo papel do pesquisador na conformação das lembranças de seus interlocutores; pelos artifícios da narrativa; pelos vínculos que se tecem entre o narrador e o ouvinte; pela ligação que se estabelece entre o tempo, o espaço e a rememoração; pela memória inferida a partir das lembranças e, por fim, pelas marcas da experiência do narrador impressas na narrativa.

Qual o *alcance* do olhar antropológico na apreensão da realidade vivenciada pelos sujeitos da pesquisa? Observando o diálogo existente entre o 'campo visual' e o 'alcance do olhar', Mello vai refletindo sobre os limites da plasticidade da memória no processo de construção da identidade necessária à constituição do quilombo de Cambará, sem perder de vista a dimensão das sensibilidades e subjetividades que extrapolam a demarcação territorial.

Logo na introdução, o autor nos conta que chegou a Cambará em 2003, por meio de um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em parceria com o Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombo (IACOREq) e outros órgãos governamentais responsáveis pela elaboração de políticas públicas específicas a essas comunidades. Assim, todo o processo de constituição e delimitação identitária de Cambará foi também mobilizado por agentes institucionais e individuais externos à comunidade.

Dividido em seis capítulos, o livro é uma versão da dissertação de mestrado de Marcelo, defendida no Programa de Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (PPGAS/UNICAMP, SP, 2009). No primeiro capítulo, intitulado "Quilombos e suas reminiscências", o autor se debruça sobre o vasto campo de definições e indefinições contemporâneas do termo 'quilombo'. Analisando os meandros teóricos e jurídicos usualmente acionados para se pensar a categoria 'remanescente de quilombo' na esfera dos 'novos sujeitos de direito', o livro tece considerações sobre os significados polissêmicos dessa categoria, sem se limitar à identidade étnica: "Na relação entre o Estado e essas comunidades, o fundamental não é saber como elas se adequam aos ditames do Estado, mas sim como as perspectivas locais, que não podem ser reduzidas a um fator explicativo, influem nas distintas relações estabelecidas com o Estado e com o dispositivo constitucional" (: 48). Transcendendo o artigo 68 e sem tomar o Estado como uma instituição homogênea e monolítica, o

interessante é pensar a realidade desses grupos, sem tentar reduzi-los às exigências de adequação que recaem sobre eles nesse processo de reconhecimentos.

No segundo capítulo do livro, o autor irá se voltar às análises e correlações entre ‘etnicidade’ e ‘memória’. É inegável que a identidade étnica possua um componente político fundamental ao processo de reconhecimento quilombola. Contudo a discussão não se encerra nela e o caso da comunidade de Cambará deixa isso bastante claro. Quando se utilizam da memória como dispositivo político para embasar e justificar sua luta pelo território, os habitantes de Cambará não se valem do passado para justificar demandas do presente, nem tampouco se pautam em uma ideia de coesão cultural e biológica que possa ser pressuposta no conceito de etnia, o que está em jogo quando os moradores de Cambará recorrem a essas categorias é que: “para além da dimensão política, há uma dimensão moral nas reivindicações identitárias [...]; em vez de instrumentalização, trata-se de justificação [...]; menos do que denotar um artifício, a invenção é uma atividade criativa [...]” (: 70), num esforço de busca contínua pelas ‘memórias subterrâneas’, articulando lembranças e experiências.

Nessa busca, as histórias dos *antigos*, contadas pelos moradores locais, têm papel fundamental no exercício de construção da identidade quilombola, são elas as responsáveis pela produção das referências morais atualmente destacadas como qualidades coletivas da comunidade. Nesse sentido, ao longo da pesquisa, o autor se deparou com a necessidade de recuperar documentos arquivados que guardavam um passado povoado pelas vozes presentes dos habitantes de Cambará. A partir de ponderações acerca do campo teórico voltado à etnografia em arquivos e do quanto os arquivos podiam ter a dizer das histórias oficiais e não oficiais do lugar, Marcelo vai construindo seu terceiro capítulo. É do resgate de inventários, cartas de alforria, certidões de nascimento e registros de terras, cruzados com relatos orais colhidos no hoje que vemos surgir um enredo de memórias, divididas entre lembranças e esquecimentos não aleatórios, inscritos nas relações de parentesco, nos corpos, nas falas, na distribuição das casas pelo território, no contato interétnico com os vizinhos italianos, nas ‘questões raciais’.

“*Negro é uma palavra muito aguda*” (: 100), diz um dos interlocutores ao pesquisador, expondo o quanto a identidade quilombola ainda tinha que trilhar para ‘corrigir desigualdades históricas’, nos balanços de uma memória oral sobre uma tradição a ser reescrita. A consolidação da associação quilombola, o equilíbrio necessário entre a manutenção das relações de reciprocidade particulares à comunidade e o alcance das reivindicações que inevitavelmente excediam os limites comunitários, juntamente com o movimento dinâmico que caracterizava a memória e a identidade étnica de Cambará são os temas que colorem o quarto e o quinto capítulos do livro. Insistindo na produtividade do método de misturar as narrativas orais com a consulta aos arquivos, o autor argumenta sobre as origens do território de Cambará, atravessando genealogias e memórias que não só inscrevem as

relações familiares nas histórias do grupo, como também transmitiam a continuidade temporal do lugar e das pessoas que viviam por ali (: 152).

O sexto e último capítulo ocupa-se com o entrecruzamento das diversas temporalidades e vivências nos territórios da memória dos habitantes de Cambará. Entre a força do silêncio, que marca certas narrativas, e as lacunas presentes nas descrições encontradas nos arquivos, a instituição de uma história que não pode ser apagada descortina-se. Sobre as marcas da escravidão, os relatos sobre as reminiscências quilombolas de Cambará trazidos por Marcelo Moura Mello se erguem como um novo registro necessário, um convite sincero à leitura do livro.

Recebido em 13 de Dezembro de 2013
Aprovado em 15 de Dezembro de 2013